

mundo

Gasto militar global dispara e atinge maior nível desde a Segunda Guerra

Conflitos fazem mundo investir mais que PIB nominal do Brasil com defesa em 2023, indica estudo

Igor Gielow

SÃO PAULO O gasto militar global disparou em 2023 e atingiu o maior patamar da história moderna, descontadas as duas guerras mundiais do século 20. No tenso ano passado, os países gastaram um pouco mais do que um PIB nominal do Brasil em defesa. A conta foi feita pelo IISS (sigla inglesa para Instituto Internacional de Estudos Estratégicos), de Londres, na divulgação nesta terça (13) de seu referencial anuário sobre o estado das Forças Armadas do planeta, o “Balanço Militar”.

O think-tank apurou crescimento de 9% nos gastos com armas no ano passado em termos reais, chegando a US\$ 2,2 trilhões (R\$ 10,9 trilhões hoje). Em termos nominais e relativos, é o maior valor dos 65 anos da série histórica da publicação que, como estudos similares, nunca viu tanto dinheiro desembolsado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Os Estados Unidos seguem incontestes como o país mais poderoso da história moderna. Em 2023, empenharam 41% do gasto militar total do planeta, seguidos pela China (10%) e a Rússia (5%). Tudo o que os americanos despendem no setor equivale a pouco mais do que o gasto dos 14 outros países do ranking juntos.

A aliança militar comandada por Washington, a Otan, teve um aumento substancial de seus gastos, reflexo da Guerra da Ucrânia, prestes a completar seu segundo ano: 8,5% do bolo total, excetuando os EUA. Em termos reais, foi uma alta de quase 40% em seus recursos com defesa, a maior do mundo, o que desautoriza um pouco a crítica recente feita pelo ex-presidente americano Donald Trump sobre o apetite europeu de se defender.

Por outro lado, não é algo homogêneo: a Polônia transformou-se em um grande centro de investimento militar, prometendo gastar 4% de seu PIB com defesa, enquanto a rica Alemanha, alvo preferencial da ameaça de Trump de

não cumprir a defesa mútua da aliança se voltar à Casa Branca em novembro, despense 1,57%.

Outro polo notável é a Índia, que ultrapassou o Reino Unido e assumiu o quarto lugar, com 3,3% da despesa global (US\$ 73,6 bilhões).

No caso dos rivais dos EUA na Guerra Fria 2.0, o IISS ressalva que o gasto de Pequim e de Moscou é, aplicando critérios de Paridade de Poder de Compra que levam em conta custos de produção, bem maior. Os chineses aplicaram o equivalente a US\$ 407 bilhões, não os US\$ 219,5 bilhões nominais. Os russos, US\$ 296 bilhões na prática, e não US\$ 108,5 bilhões.

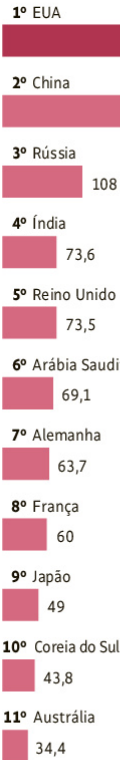
Os EUA também puxam a fila dos países no quesito crescimento dos gastos, sendo responsáveis em valores reais por 22,2% do total. Entre as outras grandes potências, a Rússia foi quem mais investiu, refletindo a militarização de sua economia de olho em um conflito prolongado contra a Ucrânia. Foi um salto real de 18,6% em investimentos, que levou a um gasto em proporção do PIB de 4,8%.

“Hoje os russos gastam um terço do que têm para investir em defesa”, afirmou o diretor-geral do IISS, Bastian Giegerich. Como já fizera no ano passado, contudo, o instituto pintou um quadro de perdas militares enormes tanto para russos quanto para ucranianos.

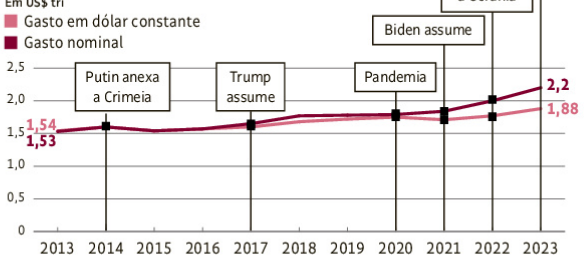
Segundo estimativa do IISS, Putin perdeu 3.000 tanques na guerra e hoje tem uma frota ativa de 1.750 unidades. Antes do conflito como vizinho, Moscou tinha 3.387 desses blindados prontos para agir, mas é preciso colocar em perspectiva que muitas das perdas dizem respeito às quantidades maciças de equipamento antigo em estoque que foi posto em campo. “Claramente eles colocaram quantidade acima da qualidade”, disse o analista de forças terrestres do IISS, Douglas Barry. Mas Giegerich afirma que, no ritmo atual, Moscou pode conseguir manter seu esforço de guerra neste campo por mais dois ou três anos baseado em estoques, e

Gastos militares chegam ao ápice em 2023

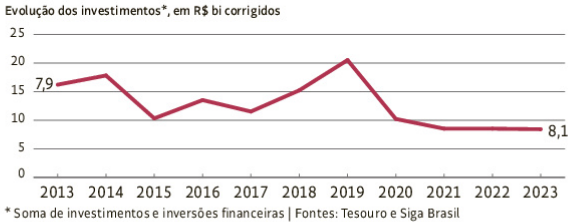
Ranking
Em US\$ bi



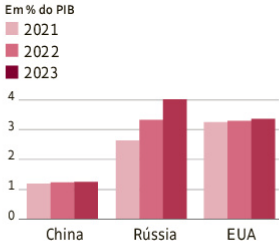
Guerras e tensões geopolíticas elevaram despesas nos últimos dez anos



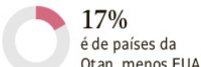
Gasto militar brasileiro



Gastos das grandes potências



Maiores Forças Armadas



Fonte: Balanço Militar 2024, IISS

Entrevista de Putin a Tucker Carlson foi peça de propaganda, mas expôs raciocínio sobre Ucrânia

OPINIÃO

Álvaro Machado Dias

Neurocientista, professor livre-docente da Unifesp e sócio do Instituto Locomotiva e da WeMind

A entrevista de Vladimir Putin para Tucker Carlson, no último dia 8, funcionou como uma peça de propaganda russa, enquanto o Legislativo americano discute a aprovação de um novo pacote multibilionário para a Ucrânia. Carlson igualmente se deu bem, multiplicando a importância da sua rede privada de mídia e seu cacife político. Percebendo isso, muitos foram rápidos na desqualificação do conteúdo. “Não acredite em nada do que Putin diz!” é a fala-padrão, mostrando, mais uma vez, que o raciocínio patina na bile.

A primeira grande questão que a entrevista ajuda a responder é: será que a invasão da Ucrânia foi uma reação à expansão da Otan? O fim da União Soviética foi seguido de discussões sobre o tema e, de acordo com o que certa

vez disse Mikhail Gorbachev (1931-2022), promessas (nunca formalizadas) de contenção. Após duas ondas expansionistas, a tensão extravasou quando a Otan declarou que Ucrânia e Geórgia poderiam se juntar ao bloco (2008), ao que os russos se opuseram veementemente, alegando questões de segurança.

A expansão da aliança militar ocidental é um fator de inegável relevância nesta guerra. Putin, entretanto, dedicou a primeira meia hora da entrevista ao argumento de que russos e ucranianos são um povo só. Este ponto seria irrelevante se a única questão fosse a segurança de suas fronteiras. Logo, não é.

A conversa também revelou o que ele entende por desnazificação. A Ucrânia de fato tem penetração neonazista, e combatentes do batalhão de Azov servem de exemplo, mas as pesquisas mostram que o neonazismo é mais presente em vários outros países, enfraquecendo o valor de face do argumento. A saída retórica de Putin é dizer que, na

Ucrânia, o nazismo teria envenenado o espírito nacional, que originariamente seria russo. Desnazificar significaria combater o afastamento da órbita russófona.

A combinação desses pontos é esclarecedora. Putin modelou a legitimidade da guerra em curso a partir de dois

[...]
Putin modelou a legitimidade da guerra em curso a partir de dois fatores: segurança e autoridade secular para rechaçar o nacionalismo ucraniano, que representaria a decadência moral da ‘dissidência ucraniana’

fatores: segurança e autoridade secular para rechaçar o nacionalismo ucraniano, que representaria a decadência moral da “dissidência ucraniana”. Esqueça os modelos unidimensionais da esquerda (só segurança) e da direita liberal (imperialismo puro) para explicar o que se passa na mente de Vladimir; eles estão igualmente errados.

Agora, mesmo óbvio que os ucranianos devem ser livres para escolher o que quiserem, o país está destruído, 20% menor, e os mortos são contados em dezenas de milhares. O tudo ou nada com a Rússia parece ter sido um erro tremendo. Como aconteceu?

Logo após a invasão, os dois países começaram a negociar um acordo de paz, que foi abortado. Na entrevista, Putin diz que o então premiê do Reino Unido, Boris Johnson, dissuadiu Volodimir Zelenski de seguir com as conversas. De fato, lê-se o seguinte no site do governo britânico: “Conversa com Presidente Macron, 6 de maio de 2022. O primeiro-ministro atualizou-o sobre a sua

visita a Kiev no último mês e compartilhou sua convicção de que a Ucrânia iria ganhar (...). Ele urgiu contra qualquer negociação com a Rússia nos termos que dão credibilidade à falsa narrativa do Kremlin para a invasão, mas enfatizou que esta era uma decisão para o governo ucraniano”.

É importante não superinterpretar o texto nem superestimar a importância do aconselhamento externo. Do mais, a contenda serve só de inócuo ao que realmente importa: o acordo de paz envolveria supervisão externa para garantir a segurança ucraniana.

Cabe saber se foi dito a Zelenski que seus aliados não assumiriam este papel se ele chegasse a termos com Putin, como afirmado pelo jornalista Aaron Maté, pelo negociador e ex-chanceler alemão Gerhard Schröder (“os ucranianos não concordaram com a paz pois não foram autorizados a fazê-lo”) e pelo líder das negociações pelo lado ucraniano, David Arakhamia. Isso teria deixado Zelenski de mãos atadas, já que sem tal apoio seu país poderia ser novamente invadido. A questão baliza a responsabilidade moral dos países da Otan de darem suporte à Ucrânia agora e no pós-guerra.

no meio-tempo o avanço de sua produção militar tende a compensar as perdas.

Para a Ucrânia, o cenário é o de dificuldades conhecidas. O IISS ressaltou os sucessos assimétricos de Kiev ao impedir a livre atuação da Frota do Mar Negro da Rússia com o uso de drones, e ataques com aviões-robôs em pontos distantes do território russo.

O país elevou em nove vezes seu gasto militar próprio, para US\$ 31,1 bilhões, entrando no top 15 pela primeira vez, em 13º lugar. O valor não inclui a ajuda externa, quase dez vezes mais que isso desde o início do conflito.

A guerra Israel-Hamas foi outro exemplo levantado pelos especialistas para enfatizar o peso da assimetria, destacando a brutal eficácia do ataque do grupo terrorista palestino de 7 de outubro passado e o risco dos ataques houthis no mar Vermelho. “Israel ainda não alcançou seus objetivos estratégicos”, disse Giegerich em videoconferência, em que destacou o papel do Irã como desestabilizador regional.

Os analistas apontaram para desenvolvimentos no Indo-Pacífico, como a aliança militar entre EUA, Austrália e Reino Unido, como novo fator para uma corrida armamentista. Em 2023, o aumento real de despesas na região asiática foi de 5%.

No ranking geral, o Brasil subiu de 15º para 14º no ranking de gasto militar do mundo. Os dados do IISS são compatíveis, embora algo diferentes daqueles aferidos em termos de execução orçamentária, e há a diferença mais importante: em 2023, 80% da despesa brasileira foi com pessoal ativo e inativo, enquanto isso não entra nas contas do padrão Otan, por exemplo.

Há, por óbvio, dificuldades metodológicas que o próprio instituto assume, como definir exatamente o gasto russo, pulverizado. Outros países estrategicamente importantes em suas regiões, como a Síria, a Coreia do Norte ou a Venezuela, não têm esses dados disponíveis.

Em termos de efetivos pelo mundo, o IISS apontou uma estabilidade em 2023 ante 2022, ainda que a Rússia e a Ucrânia tenham aumentado suas Forças Armadas —Moscou para 1,1 milhão de soldados, o quinto maior número do mundo atrás de China, Índia, EUA e Coreia do Norte, e Kiev, para 800 mil militares. Ao todo há 20,6 milhões de fardados no mundo, 367 mil deles no Brasil.

Senado dos EUA passa ajuda a Kiev; Câmara deve barrar

SÃO PAULO O Senado dos EUA, de maioria democrata, aprovou nesta terça-feira (13) um pacote de US\$ 95,3 bilhões (R\$ 472,2 bilhões) em ajuda à Ucrânia, Taiwan e Israel. O projeto segue para a Câmara, cujo presidente, Mike Johnson, afirmou na semana passada que a Casa, controlada pelos republicanos, deverá rejeitá-lo.

O texto foi aprovado por 70 votos a 29 —eram necessários 60 para que o projeto avançasse à Câmara. Vinte e dois republicanos se juntaram à maioria democrata para apoiar a medida.

“Há anos que o Senado não aprovava um projeto de lei com um impacto tão grande, não só na nossa segurança nacional, não só na segurança dos nossos aliados, mas também na segurança da democracia ocidental”, afirmou o líder da maioria no Senado, o democrata Chuck Schumer.

O presidente americano, Joe Biden, tem instado há meses o Congresso a aprovar a ajuda.